

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa
Departamento de Filosofia

Luiz Paulo Souza de Paiva

Cibercultura e rizoma: uma perspectiva sobre o múltiplo contemporâneo

Belo Horizonte

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa
Departamento de Filosofia

Luiz Paulo Souza de Paiva

Cibercultura e rizoma: uma perspectiva sobre o múltiplo contemporâneo

Relatório apresentado ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como conclusão de pesquisa realizada na condição de pesquisador voluntário. Orientador: Cristiano Garotti da Silva

Belo Horizonte

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A CIBERCULTURA E SUAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO	9
1.1 Transmissão de mensagens e formação de sentido	9
1.2 As técnicas condicionantes e o ciberespaço.....	10
1.3 O universal sem totalidade	13
2 O RIZOMA E SUA MULTIPLICIDADE.....	17
2.1 O projeto filosófico de Mil Platôs.....	18
2.2 Definição do rizoma e suas oposições: a árvore-raiz e o sistema fasciculado.....	20
2.3 O rizoma e seus princípios	24
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

SUMÁRIO EXECUTIVO

Neste trabalho buscamos um esclarecimento do conceito universal sem totalidade, elemento central na obra *Cibercultura*, de Pierre Lévy. Pensamos que essa explicitação pode ser considerada como uma possibilidade de leitura filosófica das interações contemporâneas, onde a realidade se mostra inserida no contexto de uma cibercultura. Veremos assim, que essa caracterização se aproxima da proposta de pensamento formulada por Deleuze e Guattari na introdução da obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, em seu conceito de rizoma, nos permitindo identificar a cibercultura como uma manifestação rizomática.

Em uma tal aproximação, visamos compreender como o rizoma pode ser considerado o modelo predominante em que a cultura virtual se insere, uma vez que as características da cibercultura e de seu universal sem totalidade, apontam para uma aproximação da análise filosófica pretendida por Deleuze e Guattari em seu conceito. Desta maneira, buscamos pensar elementos que apresentem possibilidades de compreensão sob as perspectivas de nossa realidade contemporânea, que de caráter expansivo, se apresenta cada vez mais aberta e múltipla.

A temática antes apresentada na proposta desta pesquisa abordava o conceito de desterritorialização também a respeito da cibercultura. Porém, se faz aqui modificada, tendo por acréscimo em seu lugar uma leitura do rizoma. Tal opção de mudança acontece porque observamos uma maior profundidade na problemática que envolve o rizoma e a cibercultura, sendo a desterritorialização um movimento que acontece já na realização deste.

JUSTIFICATIVA

As preocupações com a cultura interativa humana, e principalmente no que dizem respeito ao mundo das tecnologias, não cessaram desde o seu aparecimento; ao contrário, elas aumentaram em um ritmo de produção teórica considerável. Sabemos que as perguntas pelas formas com que os homens se relacionam entre si e com a realidade que os perpassa é longínqua, concomitantes às primeiras reflexões do homem. Nossa proposta, no entanto, é ressaltar o aspecto filosófico contemporâneo dessas mudanças, pois acreditamos ser de grande valor à compreensão dos lugares onde a condição humana atual se situa, utilizarmos de reflexões que se serviram de um estado de coisas próximo a nossos problemas interativos.

Nesse sentido, julgamos indispensável a nosso objetivo, buscar uma compreensão da realidade múltipla da cibercultura e o tipo de comunicação a qual suscita, destacando como se relacionam às perspectivas de nossas interações atuais. Para tal, propomos elucidar noções centrais expressas no pensamento de Pierre Lévy e da proposta filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em seus respectivos conceitos de universal sem totalidade e rizoma, onde percebemos então a predominância do elemento múltiplo em tais relações.

Por se tratarem de pensadores que tematizam um horizonte relacionado à problemática filosófica contemporânea, suas reflexões fornecem elementos relevantes a respeito do presente quadro técnico, linguístico e cultural de maneira geral, de forma que o diálogo entre ambos visa fornecer uma contribuição para a recepção de suas ideias em questão, e assim, buscamos contribuir para ampliar o instrumental teórico da filosofia na tradição, ressaltando formas de pensamento que procuram maneiras alternativas para lidar com a realidade atual.

OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

Compreender o conceito universal sem totalidade presente na obra *Cibercultura* de Pierre Levy, e o conceito rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari abordado na introdução de *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, a fim de que, explicitando as características de ambos, possamos buscar uma possibilidade de leitura sobre a realidade das interações contemporâneas em seu elemento múltiplo.

1.2 Objetivos específicos

- Buscar refletir sobre os acontecimentos da cibercultura na atualidade
- Acentuar o debate sobre autores contemporâneos
- Contribuir para a recepção do instrumental teórico da filosofia contemporânea na tradição
- Refletir a respeito da interconexão durante a pandemia

INTRODUÇÃO

Não há dúvida, a contemporaneidade é em todas as perspectivas envolta pelo digital, pela interconexão tecnológica. Se estamos nos comunicando, o fazemos de forma técnica, mesmo quando se tratam de manifestações culturais que não tem por matiz fundamental a tecnologia, como as religiões, que agora prescindem também da informação digitalizada. Como é de costume na tradição filosófica, a pergunta pela realidade corre o risco de ser banalizada, uma vez que sua reflexão incide também sobre as condições consideradas “normais” de uma época, de um povo, ou de um modo de existência. Isto é, onde ninguém questiona determinado estado de coisas, é onde o filósofo tem condições de exercer sua tarefa mais própria, a pergunta.

Nesse sentido, acreditamos na relevância de ressaltar o questionamento sobre o modo pelo qual estamos a interagir atualmente, procurando entender como nossa cultura de interconexão generalizada pode ser lida a partir de uma ótica filosófica contemporânea. A pesquisa de Pierre Lévy, a esse respeito, favorece nossa busca, pois o que demonstra em seu percurso é o nascimento de uma nova maneira de comunicação, e o faz analisando a transmissão de mensagens através de suas principais formas ao longo do tempo, chegando até a rede atual de comunicação

No decorrer dessa análise, constatamos a identificação do quadro geral da cibercultura ao modelo do rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, relação feita ainda na própria consideração geral da cibercultura. Procuraremos então, nos determos primeiro no percurso percebido por Pierre Lévy a respeito da comunicação, e de como entende seu atual estágio de propagação cultural como sendo universal e sem totalidade, para então levantarmos uma comparação onde tal estágio manifesta uma adequação às definições do modelo rizomático da contemporaneidade, postulado por Deleuze e Guattari, ressaltando assim a necessidade de pensar seu múltiplo.

Para melhor compreender as relações aqui apresentadas, além dos autores em suas obras principais visadas, nos utilizamos também de autores que procuraram refletir sobre os problemas deste quadro teórico do pensamento contemporâneo, como a contribuição célebre de Jean-François Lyotard no entendimento da pós-modernidade e as análise sobre a técnica de Olgária Matos em seus estudos sobre a escola de Frankfurt, ainda que estes estejam sendo

utilizados de forma esporádica em momentos específicos da monografia, em auxílio. Como subsídio à compreensão dos próprios termos conceituais dos autores, bem como da influência destacada da filosofia de Deleuze na construção do rizoma, realiza-se uma leitura da obra de Roberto Machado sobre o tema, que fora seu aluno, assim como François Zourabichvili e suas contribuições, onde nos ajudam a situar melhor o pensamento dos autores.

1 A CIBERCULTURA E SUAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

1.1 Transmissão de mensagens e formação de sentido

O advento da cibercultura descrita por Pierre Lévy e as tendências técnicas que favoreceram o surgimento do modelo atual de comunicação, em nada mais fazem menção do que ao modo humano da transmissão de mensagens através das sociedades. Conforme o autor expressa ainda na introdução da obra *Cibercultura*, aqui analisada, a transmissão das mensagens que permitem a comunicação pode ser vista da seguinte forma:

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto vivo em que foram produzidos. [...] Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens 'universais' (ciência, religiões do livro, direitos do homem etc.). (LÉVY, 2010, p. 15).

Nesse sentido, percebemos que a transmissão de mensagens a partir do que o autor denomina “sociedades orais”, ou seja, sociedades que compartilham sua cultura através da fala, apresenta uma necessidade técnica. Ao transmitir a mensagem presencialmente de um interlocutor para outro, se pode garantir o sentido pretendido, mas este logo se perde quando o contexto é modificado. A escrita surge então como técnica condicionante de sentido, universalizando-o aos diversos receptores em geografias e épocas distintas. Assim, tem-se o início da institucionalização da informação; com o registro das pesquisas a ciência solidifica sua comunidade, com a junção de textos sagrados as religiões do livro (também chamadas religiões universais) constituem suas doutrinas, e assim sucessivamente.

É nesse ínterim que se pode dizer por exemplo, que determinada verdade religiosa se dá pela revelação, a própria palavra escrita, ou, no caso da autoridade em determinada vertente filosófica - em um autor específico - se dá pelo conhecimento mais próximo do texto filosófico referido, entre outros exemplos. No entanto, “a escrita não *determina* automaticamente o universal, ela o *condiciona* (não há universalidade sem escrita).” (LÉVY, 2010, p. 117). Ou seja, podem existir textos escritos que não visam um sentido abrangente, mas, toda mensagem com pretensão de universalidade passa pelo registro, pela escrita.

O universal tratado quando Pierre Lévy se refere à comunicação e suas formas nas sociedades é, portanto, o universal do sentido, que forma a palavra de ordem pretendida pelo fechamento semântico que a escrita realiza, pela “verdade” que a mensagem carrega em sua extensão, e por isso, é também de certo modo totalitário. A esse respeito, é ressaltado que “seu esforço de totalização luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que os fazem circular” (LÉVY, 2010, p. 118). O que acontece na escrita assim, é um esforço de preservação da mensagem que se encontra *fora de contexto*, carregando em si mesma a razão pela qual pode ser interpretada, a “lei geral” a qual se remete. Deste modo, o universal proveniente do escrito é totalitário, visando o fechamento de sentido.

Porém, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação possibilitou que a cibercultura, na hipótese do autor, desenvolvesse um universal não totalitário, sendo essa a forma mais própria da comunicação digital, pois assim “a nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações” (LÉVY, 2010, p. 15), sendo possibilitada pela própria interconexão e constante criação das comunidades virtuais, da conexão de textos instantânea, que só pôde acontecer graças ao surgimento da cibercultura.¹ Portanto, é necessário delinear o que o trabalho do autor nos mostra sobre esse paradigma cultural pautado pela inserção da tecnologia na comunicação. Assim, torna-se possível entender como os elementos atuais da informação modificaram a totalização na escrita, e constituíram o que vem a ser o universal sem totalidade.

1.2 As técnicas condicionantes e o ciberespaço

No posicionamento de Pierre Lévy, existem duas considerações importantes a se fazer a respeito da técnica, e que o diferencia de outros filósofos também contemporâneos que refletiram a seu respeito, como Martin Heidegger e a escola de Frankfurt, por exemplo.² Conforme mencionado, para o autor, a

¹ Estamos nos referindo aqui à cibercultura, justamente, como esse novo desenvolvimento cultural surgido das novas tecnologias de comunicação, especificado segundo o próprio autor como: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o modo de crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17).

² A esse respeito pode-se conferir a passagem na célebre obra da professora e filósofa Olgária Matos sobre a escola de Frankfurt, que relaciona Heidegger e os frankfurtianos com relação à

escrita surge como uma necessidade técnica dos seres humanos de se comunicarem preservando o sentido, e por isso universaliza. Na cibercultura, as condições que permitem as novas formas de comunicação também não deixam de participar da técnica, são condicionadas por ela, e mais precisamente pelo que se denominou como sendo a tecnologia digital. Contudo, o que diferencia sua reflexão dos críticos da técnica, é que o autor não vê nela uma forma única de manifestação, um sentido único, onde no caso dos Frankfurtianos por exemplo, a técnica está ao lado de uma razão puramente instrumental, a serviço do domínio e manipulação que os homens impõem sobre a sociedade.

Para Pierre Lévy, a técnica pode assumir diferentes características. A primeira consideração que faz a esse respeito, e que o permite discordar da crítica filosófica da técnica, é justamente dizer que não existe uma “técnica” em particular, mas “técnicas”. Desse modo, é possível pensar em diferentes técnicas que realizam e produzem efeitos diversos na sociedade, conforme a época de seu surgimento e as condições em que se instaura. A exemplo disso, é possível comparar a energia nuclear e a energia elétrica, onde a primeira é movimentada em ambientes e ciclos de planejamento muito maiores do que a segunda, que obedece a modificações de tempo e variações mais recorrentes de controle, criando também relações sociais e econômicas distintas.

Assim, conforme o autor, é possível pensar que técnicas diferentes possam coexistir nas sociedades, seja em auxílio, ou, em determinadas circunstâncias, em agressão à preservação da sociedade, fato que nos leva à segunda consideração do filósofo a respeito da técnica. Para Lévy, “uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada*.” (LÉVY, 2010, p. 25). Ou seja, as técnicas diferentes produzidas pelo homem não vão determinar o curso da sociedade por si mesmas, mas elas oferecem as condições para o avanço ou o regresso das culturas. Desta forma, Pierre Lévy enxerga uma certa responsabilidade por parte dos utilizadores das técnicas, sendo responsáveis pelo seu bom uso ou não, mas a técnica, enquanto tal, não pode carregar valores

técnica: “A crítica à técnica no sentido contemporâneo do conceito é comum a Heidegger e aos frankfurtianos. [...] A racionalidade técnica dissocia meios e fins e redundante na adoração fetichista de seus próprios meios. Ela não é o triunfo da ‘razão científica’, mas o triunfo do método sobre a ciência. Isso quer dizer que ciência e técnica perdem sua destinação humana” (MATOS, 1993, p. 35).

de bondade ou maldade, tampouco de malefício ou benefício tomados isoladamente. Nesse sentido, podemos entender aqui o contexto da técnica como condicionante da cibercultura, ou seja, existem diferentes formas técnicas que a condicionaram, estando ainda abertas e em constante expansão.

Para entender os elementos técnicos que condicionam a cibercultura, é interessante ressaltar que as técnicas possibilitam novas formas de vida como um todo. Isso significa dizer que “as grandes invenções técnicas não permitem apenas fazer ‘a mesma coisa’ mais rápido, com mais força ou em escala maior. Permitem, sobretudo, que se faça, sinta ou organize de outra forma” (LÉVY, 2010, p. 223). Dito desse modo, uma técnica pode ser vista não apenas como uma maneira de obter maior eficiência, mas como uma possibilidade da criatividade e da estética se ampliarem.³ É assim que o filósofo enxergará um movimento social surgido dos elementos de composição do ciberespaço, que é propriamente o ambiente técnico da cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2010, p. 17).

Computadores, smartphones, dispositivos de sinal, os componentes eletrônicos em geral, seres humanos que se utilizam destes, bem como suas variadas maneiras de relação mútua, constituem os componentes do ciberespaço.⁴ O que interessa nessa rede de informações é sua interconexão. A informação se encontra virtualizada⁵, e é processada de forma muito rápida, assim, “o computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante.” (LÉVY, 2010, p. 45). Isso posiciona a máquina de forma a ser um *meio* para o mundo informacional, e não mais como um *fim* operacional. A possibilidade de que os próprios textos estejam interconectados em forma de hiperlinks, hipertextos, fóruns de discussão, entre

³ Cabe ressaltar aqui, que em filosofia, a acepção do termo *estética* recebe uma miríade de significados diferentes de seu uso cotidiano e comercial. Significa para além das possibilidades de percepção da realidade, concepções de arte e de valores humanos voltados ao estudo de sua sensibilidade considerada de maneira integral.

⁴ A palavra ciberespaço aparece pela primeira vez em 1984 no romance de William Gibson, *Neuromancer*, um dos precursores do gênero *Cyberpunk*.

⁵ “A palavra virtual pode ser entendida ao menos em três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. [...] Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade.” (LÉVY, 2010. p. 49).

outros, é que fornece à comunicação uma forma não totalizada. Isso acontece porque a quantidade de informações que aparecem no ciberespaço se torna imensurável a cada momento passado, e a interconexão não é capaz de abrangê-la toda em um fechamento semântico, como no caso das mensagens que se remetem a um único tipo de texto. Pierre Lévy diz então que: “a emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que ‘tudo’ pode ser acessado, mas antes que o Todo está definitivamente fora de alcance” (LÉVY, 2010, p. 163).

Um exemplo clássico que podemos ter em mente com relação a isso, é atentando-nos aos modos criados pela escrita antes do ciberespaço a respeito da ciência, que perde perante a opinião aberta e popular o seu status de verdade, ao menos da forma como atingiu anteriormente antes de ter seus resultados divulgados a todos instantaneamente. Apenas as revistas especializadas, os concelhos editoriais e os organismos reguladores da informação científica, tinham a legitimidade necessária para opinar sobre seus resultados. No pós-internet, com os resultados divulgados antes mesmo desse tipo de análise, os procedimentos adotados pela ciência se tornam amplamente questionados, como o processo de vacinação, por exemplo. Com isso, se pode ter ideia das modificações culturais e manifestações a respeito das direções do conhecimento e da prática em sociedade, todas condicionadas pelas novas maneira de comunicação que formam a cibercultura.

1.3 O universal sem totalidade

Tocamos agora em uma questão central da obra e de seu conceito de universal sem totalidade, que segundo Pierre Lévy, é a essência da cibercultura, seu ponto mais determinante. O autor chega a denominá-lo de “sistema do caos”, pois se constrói em um *sistema de sistemas* semânticos e periféricos como um todo, nos fazendo entender se tratar de algo sem baliza nem parapeito. Em suas linhas gerais:

O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas. (LÉVY, 2010, p. 113).

Isso significa que, quanto mais os elementos digitais e eletrônicos que compõem o ciberespaço se ampliam, bem com sua rede informacional, mais essa conexão se torna universal e capaz de atingir novas informações a cada

instante. Justamente por isso, é cada vez menos fechada, menos totalizável em uma única direção, se tornando universal e sem totalidade. Dessa forma, fica explícito também que esse universal inaugurado pela cibercultura, é uma espécie de concretização técnica da informação e transmissão de mensagens em um estágio amplificado, pois é capaz de superar as dificuldades de transmissão contextuais surgidas desde as sociedades orais, porém de forma instantânea, não somente em uma rede única textual. A exemplo disso, basta pensar nas aulas virtuais (EAD) que embora estejam sendo bastante criticadas, seja digno de nota que o sentido pretendido com a transmissão das chamadas de vídeo, é executado e recebido, embora os recursos de expressão sejam de fato limitados. É preciso ressaltar que suas ferramentas ainda estão em construção, mas já dentre elas, encontramos a facilidade de compatibilidade entre as mídias e programas diferenciados, por exemplo.

Com essa observação, a universalização do ciberespaço ainda no que diz respeito ao plano técnico, nos força a perceber uma tendência à sistematicidade em sua constituição. Como se formassem uma espécie de ecologia virtual, os programas que se mantêm e crescem, são os capazes de se interligar entre seus subsidiários. Basta pensar no sistema operacional de uma empresa como a Apple, por exemplo, ou um equipamento para gravação de áudio profissional, onde mesmo os periféricos tendem a funcionar melhor quando fazem parte de um mesmo sistema técnico, como nas chamadas “DAWs” (Digital áudio workstation). Isso acontece pois o ciberespaço obedece a duas tendências fundamentais; a de ser a infraestrutura principal de outros sistemas técnicos, e a de carregar a mensagem universalizante como um valor da interconexão por si mesma, como outras técnicas não o faziam. Ou seja, se pensarmos em um sistema de transporte, como a aviação, onde todos os seus componentes dependem do ciberespaço, fica evidente essa tendência estrutural, e que é em todos os âmbitos, de característica expansiva.

Percebemos até aqui, que a construção de sentido realizada pela escrita para suprir uma necessidade técnica das sociedades orais, tornou a mensagem universal e totalizável, o que se desenvolveu de diferentes formas ao longo da história, conforme procuramos indicar. Porém, com a emergência do ciberespaço, a comunicação alcançou um novo paradigma técnico, que permitiu o universal não ser mais totalitário. O sentido da mensagem é agora propagado

de forma generalizada, não importando as condições políticas em que se encontram seus receptores ou suas condições locais, desde que se tenha conexão com o ciberespaço, se tem toda sua rede de informações a um só alcance. É, entretanto, um universal que totaliza de alguma maneira, mas não pelo sentido, totaliza pelo contato.

O ciberespaço abriga as variadas manifestações culturais de uma mesma maneira, através de uma mesma conexão, e por isso totaliza, ainda que ao fazer isso deixe completamente aberto o horizonte dos sentidos pretendidos pelas mensagens que abriga. Dessa forma, Pierre Lévy mesmo adverte que “o universal sem totalidade não foge à regra da exclusão. Apenas não se trata mais de adesão de sentido, mas sim de conexão. O excluído está desconectado”. (LÉVY, 2010, p. 246). Fica evidente assim o surgimento de problemas sociais no que diz respeito à falta de acesso e conexão em localidades menos favorecidas economicamente, ou que negligenciam por questões políticas e militares o acesso ao principal canal de informação do mundo atual, fato ainda recorrente. Isso nos leva a considerar a cibercultura de fato universal e conectiva, e até mesmo não totalizável quanto às diferentes formas de mensagem em presença simultânea, porém, é preciso lembrar que ela não é onipresente, e dentro de sua abrangência possui questões de estruturação social quanto a seu uso. Entretanto, essa crítica não é o objetivo do presente trabalho, que no tocante à cibercultura, pretende apenas explicitá-la enquanto forma de interação, analisando seus componentes em suas possibilidades, que se configuram em um universal sem totalidade⁶.

Perante tais questões suscitadas a respeito da emergência do ciberespaço, da cultura que movimenta, e da configuração comunicacional que condiciona, podemos agora perceber o contexto mediante o qual nos encontramos em interação, a fim de formular uma concepção a respeito da problemática que enfrentamos. É neste horizonte onde o autor ainda nos assinala sob qual sentido a configuração deste quadro se encontra:

Está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, um movimento potente e cada vez mais vigoroso, não converge sobre um conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não

⁶ A esse respeito conferir as leituras críticas da semioticista brasileira Lucia Santaella, em *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*; a análise mais geral da matemática estadunidense Cathy O’Neil em seu clássico *Weapons of Math Destruction*, e também de Naomi Klein em *A Doutrina do choque*.

mediática, interativa, comunitária, transversal, rizomática. (LÉVY, 2010, p. 134).

Podemos perceber, que as reflexões de Pierre Lévy nos apontam para um corpo de questões que se referem a uma multiplicidade inerente à nossa realidade contemporânea, onde já identifica de forma constante o universal da cibercultura e suas implicações como pertencentes ao rizoma. Nesse sentido, julgamos necessária uma apresentação deste conceito filosófico e das características principais pelas quais seus postulados se desdobram, a fim de que essa leitura possa oferecer uma possibilidade de aprofundamento na compreensão do universal sem totalidade, através da descrição do real expressa em tais características. Assim, considerando o aspecto geral da cibercultura como uma manifestação da configuração rizomática, esperamos esclarecer uma das possibilidades pela qual a filosofia contemporânea enfrenta sua realidade, e de como as relações da contemporaneidade podem ser vistas por essa ótica da multiplicidade.

2 O RIZOMA E SUA MULTIPLICIDADE

Frequentemente e de maneira geral, utiliza-se como caracterização da pós-modernidade a multiplicidade de sentidos e narrativas históricas presentes nos variados contextos culturais da sociedade, seja artístico; político, religioso, filosófico ou mesmo científico. Diferente da modernidade e dos acontecimentos a ela precedentes, as chamadas narrativas pós-modernas não visam em última instância o fechamento semântico universal, que gera conflitos políticos inevitáveis ou totalitarismos, na visão dos autores denominados pós-modernos, dos quais Deleuze e Guattari são também por alguns relacionados.⁷

Os pilares e estruturas base da sociedade se encontram nesta caracterização em um esfacelamento expansivo, onde as grandes visões culturais sobre a história, chamadas também de grandes narrativas ou meta-narrativas, se desdobram em diversas proposições que lutam por suas legitimidades individuais, fazendo da história um percurso multiforme e contingente. Sem levar em conta as implicações ético-políticas e atendo-nos à configuração do processo, é ainda Pierre Lévy que nos diz algo a respeito, incluindo a cibercultura no panorama mencionado, ao admitir que: “a multiplicidade e o entrelaçamento radical das épocas, dos pontos de vista e das legitimidades, traço distintivo do pós-moderno, encontram-se nitidamente acentuados e encorajados na cibercultura” (LÉVY, 2010, p. 123).

É nesse contexto cultural, e procurando encontrar uma expressão que dê conta também destas características fugidias à reflexão, que surge o conceito de rizoma, como uma tentativa de expressar essas multiplicidades mais literalmente. Para os pensadores que o desenvolveram, Gilles Deleuze e Félix Guattari, a situação em que se encontraram perante a filosofia, exigiu que adotassem uma postura em relação ao próprio modo de fazê-la, exigência esta que resulta no projeto filosófico onde surge o conceito de rizoma. Cabe então explicitarmos previamente o referido projeto, a fim de acompanhar a elaboração desse conceito que o aprofunda, se apresentando como um resultado, e ao mesmo tempo, como exigência de um tal projeto.

⁷ A respeito desta mudança na cultural em geral, Lyotard, em sua obra *A condição pós-moderna* a caracteriza de forma destacada, sobretudo no que diz respeito ao aspecto linguístico que a determina: “todo enunciado deve ser considerado como um ‘lance’ feito num jogo. Esta última observação leva a admitir um primeiro princípio que alicerça todo nosso método: é que falar é combater, no sentido de jogar, e que os atos de linguagem provêm de uma agonística geral [...] o vínculo social observável é feito de ‘lances’ de linguagem.” (LYOTARD, 2009, p. 17).

2.1 O projeto filosófico de Mil Platôs

A obra *Mil Platôs*, onde o rizoma é explicitado, é escrita em continuação à obra anterior dos autores, intitulada *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*, como uma resposta a suas repercussões. Nesta última, a filosofia é levada pelos autores a realizar uma crítica da compreensão que se faz do homem e da sociedade, selecionando como alvo principal os postulados da psicanálise em suas noções de inconsciente e desejo, onde os próprios autores admitem que: “*O anti-Édipo* tinha uma pretensão kantiana: era preciso tentar uma espécie de *Crítica da razão pura* no nível do inconsciente.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 10).⁸ Desta forma, vale ressaltar que, se Deleuze estabelece um vínculo com a psicanálise, o faz a partir de sua própria filosofia, e da relação que esta apresenta com a história da filosofia em geral. Nesse sentido, como esclarece Roberto Machado, até mesmo a crítica do desejo presente em suas obras que tematizam a teoria psicanalítica, está ancorada nesta base filosófica:

Sua concepção do desejo como processo de produção [...] tem como condição de possibilidade as filosofias de Espinosa e, sobretudo, de Nietzsche, interpretadas de uma perspectiva que os aproxima bastante, basicamente os conceitos espinosistas de afecção e afeto e o conceito nietzschiano de vontade de potência. (MACHADO, 2009, p.20)

Conforme Deleuze e Guattari apontam no prefácio a *Mil Platôs*, a respeito deste projeto crítico da Psicanálise, *O anti-Édipo*, visava três pretensões principalmente: (1) a crítica da noção de inconsciente enquanto representação; (2) crítica do delírio ou dos distúrbios psíquicos como sendo principalmente uma manifestação das relações familiares; (3) consideração da história universal como sendo necessária, e não contingente.

Quanto ao primeiro tema, remonta-se à compreensão da psicanálise de que o inconsciente funciona como uma espécie de “teatro”, onde representa papéis e opera de acordo com o que recebe de nosso contato com a realidade, agindo assim de modo passivo e receptivo perante nosso entorno. Para Deleuze e Guattari, ao contrário, o inconsciente age criando formas produtivas de lidar com o real, como uma fábrica, assumindo uma posição criativa com relação ao desejo. Quanto à segunda crítica, a obra se refere à tendência da psicanálise

⁸ A aliança teórica e de amizade entre Deleuze e o psicanalista Félix Guattari se dá em 1969, e é fortalecida devido ao posicionamento político com relação aos movimentos que ocorriam na França em 1968, de onde sentiram a necessidade de tematizar o capitalismo de uma nova perspectiva.

freudiana de remeter os acontecimentos subjetivos individuais ao âmbito familiar, ao esquema de Édipo, opondo a isso os acontecimentos na cultura de maneira geral, na história e na sociedade, onde assim, os problemas surgem do âmbito mais amplo do que o estritamente familiar. E por fim, a última crítica se refere ao modo de tratamento da história, que para os autores não deve ser vista como universal e necessária, mas contingente, sem uma direção pré-estabelecida.

O que acontece em *Mil Platôs* com relação a essas ideias e seus desdobramentos, é que os autores transferem os problemas que enxergam na concepção do desejo para a realidade ela mesma, abandonando a proposta predominantemente crítica e assumindo uma postura construtivista para dar conta de seus problemas partindo do pressuposto criativo, que significa uma postura ativa com relação à tradição. Essa nova maneira de pensar as questões, é baseada na visão de que a multiplicidade do real não vista pelo pensamento, e assim originando os problemas expostos na psicanálise e em outras áreas do saber, passa despercebida. É então em *Mil Platôs* onde os autores buscam realizar uma teoria da multiplicidade, procurando construir para tal, conceitos que se relacionem ao estado de coisas contemporâneo e dependente de tais esclarecimentos, para então lidar com os problemas persistentes da sua crítica anterior de maneira diferente.

Assim, eles mesmos se expressam: “o projeto é ‘construtivista’. É uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo”. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 10). Ou seja, neste projeto filosófico, relega-se aos mil platôs pontos teóricos e conceituais capazes de captar essa multiplicidade do real por ela mesma, da qual o rizoma constitui seu marco inicial. Mas, se é assim um marco inicial, o faz não somente do ponto de vista teórico e abstrato do conceito, que é capaz de interligar a obra em seus pressupostos principais. Cumpre ser também um ponto de partida em seu papel metodológico, ao servir de introdução ao livro e sendo seu modelo de análise geral, mostrando que os autores estão procurando partir de uma outra concepção em sua abordagem, e que buscam assim, inaugurar uma maneira de se pensar o múltiplo mais concretamente.

2.2 Definição do rizoma e suas oposições: a árvore-raiz e o sistema fasciculado

Segundo Deleuze e Guattari, pode-se denominar um platô como “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma. Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-los com platôs.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 44). Ou seja, os autores pensam inicialmente na origem etimológica do platô como um planalto geográfico, local plano e elevado, em comparação com uma estabilidade ou um ponto de encontro para as multiplicidades. A exemplo recente durante a pandemia do coronavírus, podemos ilustrar a ideia lembrando que foi utilizada nas pesquisas em gráficos, para representar uma estabilização no número de infectados⁹. Na concepção de Deleuze e Guattari, para além da acepção geográfica e física de um platô, o termo também pode designar pontos de intensidade, convergências teóricas e qualquer gênero de coisas que também se relacione às características abstratas do pensamento, ampliando assim o termo geográfico. Mas, afinal, o que é esse rizoma composto por platôs? O que exatamente suas junções compõem? Essas questões nos levam finalmente a refletir suas características, e como se diferencia de outras estruturas.

O rizoma é um termo originário da Botânica, e assim como em muitos outros conceitos, os autores o utilizam de uma maneira específica em seu pensamento, pegando de “empréstimo” suas características originais. Para tanto, não deixam de considerá-los coextensivos entre si, pois pretendem tanto pensar uma forma abstrata do rizoma - relacionando-a com sua realidade material - quanto pensar essa realidade material como parte de um grande rizoma abstrato ela mesma, sendo este modo de pensar um dos principais motivos pelos quais alguns autores aludem à “literalidade” no pensamento de Deleuze.

Segundo o Glossário de Botânica, a definição mais simples de rizoma está relacionada a um tipo específico de caule: “Refere-se a um caule normalmente subterrâneo e em alguns casos aéreos, que tem seu crescimento

⁹ Em matéria escrita por estudantes de medicina da UFMG o caso é explicitado esclarecendo a ideia do termo, podendo ser conferida em: CARVALHO, Ricardo; NINOMIYA, Vitor; OLIVEIRA, Letícia; SHIOMATSU, Gabriella. **Afinal, o que é o platô na pandemia?**. Mg.gov. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/135-plato>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

horizontalmente. Essa estrutura se difere da raiz por apresentar escamas, gemas e nós.” (SANTOS, 2018, p. 138). Sendo um tipo de caule, funciona como condutor de nutrientes, reserva de energia e reprodução de algumas plantas. O rizoma possui também nós e ramificações para todos os lados a partir de seus diferentes pontos de encontro, não se ligando a um eixo central ou a um ponto em comum de crescimento, podendo originar galhos, folhas, ramos e outros tubérculos adventícios. Desse modo, percebemos que a principal diferença da estrutura do rizoma em relação às raízes, é que estas se ligam a um eixo central, e mesmo os sistemas de raízes mais numerosos e interligados não chegam a conter outros elementos como no rizoma, sendo essa a diferença que mais interessa aos pensadores, pois daí extraem seu elemento múltiplo.

É preciso perguntar ainda, como Deleuze e Guattari visam esse modelo de pensamento múltiplo projetado no rizoma. Para tal, eles consideram outras duas imagens do pensamento e da realidade que ao longo do tempo se mantiveram com raízes sólidas através da tradição, e que foram principalmente observadas por eles na Filosofia e na Psicanálise, mas que também se estendem ao conhecimento de maneira geral. São as imagens da *árvore-raiz* e do *sistema fasciculado de raízes*. Para nos aprofundarmos no conceito é preciso que distingamos brevemente suas características.

A *árvore-raiz* da qual fazem menção, diz respeito à ótica clássica da antiguidade do pensamento ocidental, e que se estende aos dias de hoje como uma lógica binária, do A ou B, a lógica da categorização, lógica da informática. Nesse modelo de pensamento, visa-se uma unidade principal que se divide em ramificações, partindo das maiores hierarquias para casos particulares, e que constituiu também a base científica clássica, na qual ainda se vê refletida na etapa do método cartesiano de análise, isto é, dividir para progredir.

Para nos remetermos novamente à descrição botânica, a raiz que pode ser pensada aqui nesta primeira imagem, e é também a representada pelos autores, é a chamada *raiz pivotante*. Esta é a raiz da árvore que desce mais profundamente no solo, sustentando ramificações adjacentes com suas subdivisões a ela pivotantes, formando uma ramificação submissa à raiz central. É assim que para os autores macho e fêmea se dissociam das puras classificações e provocam implicações psicossociais; que 1 e 0 são priorizados nas operações digitais, que a transcendência e a imanência se encontram em

constante conflito teórico, que sujeito e objeto são termos distintos no conhecimento, que o mundo inteligível é o verdadeiro e o mundo sensível é uma cópia, enfim, que no esquema da árvore, *um* sempre devém *dois* e assim sucessivamente a lógica binária prevalece sobre o pensamento, subordinando as possibilidades à dicotomia principal.

Os autores criticam essa lógica e consideram que este modelo não pode comportar a multiplicidade, pois a deixa estanque em suas únicas possibilidades, sendo assim um modelo totalitário. Eles mencionam também, a filosofia linguística de Noam Chomsky, demonstrando que o modelo persiste também em disciplinas e pesquisas contemporâneas. Tal modelo refere-se à árvore sintagmática, que se apoia em um ponto S para proceder suas dicotomias, e não pode representar a multiplicidade porque precisa dessa forte unidade central, dividir e avançar.¹⁰ Já o segundo modelo de pensamento o qual Deleuze e Guattari criticam é o do sistema, se remetendo à estrutura da *raiz fasciculada*.

A representação da raiz fasciculada é então tematizada para se referir ao segundo modelo subsequente ao da árvore-raiz, pois ela é justamente o sistema de raízes que não possui uma raiz pivotante, da qual as outras são ramificações, mas somente um feixe interligado de raízes estabelecido em uma localidade, onde crescem sustentando a planta ligando-a a uma região específica. Diferentemente do modelo árvore-raiz, a raiz fasciculada não procede por dicotomias, mas apresenta várias partes que se desprendem e complementam-se. Por essas características, Deleuze e Guattari afirmam que diferentemente da primeira imagem, existe uma multiplicidade neste modelo, em sua estrutura de configuração, uma vez que os elementos estão livres da dicotomia e de se remeterem sempre à sua unidade de origem, podendo se combinar de maneiras distintas. Porém, essa multiplicidade que faz o segundo modelo apresentar uma maior possibilidade, mascara o fato de que todas as suas partes se remetem sempre a uma mesma proximidade. É desta maneira, que também a imagem de *sistema* ou *estrutura* representa bem a segunda figura do pensamento em contraposição à árvore-raiz, permitindo pensar não apenas no sistema

¹⁰ É também sobre a crítica desse modelo de pensamento binário e representativo que tematiza a principal obra de Deleuze, *Diferença e Repetição*, onde procura demonstrar a necessidade de uma filosofia da diferença, da qual sua própria filosofia passa a ser então reconhecida.

fasciculado de raízes, mas também em outros sistemas que se organizam da mesma forma.

As noções de sistema nos remetem imediatamente a outras figuras, não somente os sistemas teóricos e botânicos, mas também os tecnológicos, que se utilizam do esquema sempre da *parte* em direção ao *todo*, ou que o compõem formando uma certa coerência. O próprio ciberespaço, conforme explicitado, é um exemplo de sistema que interliga os dispositivos técnicos formando uma grande rede digital. Um outro exemplo de sistema, também mencionado, é o da escrita, que é utilizado para transmitir mensagens de uma localidade a outra, permitindo criar uma interpretação de sentido universalizante a partir do consenso entre signos linguísticos em comum. Estas considerações nos esclarecem que quando os autores estão pensando na estrutura de tais modelos de pensamento, o fazem a fim de abranger todos os usos possíveis do termo, considerando tais estruturas de pensar como algo diretamente ligado à nossa vivência cotidiana, e que não deixam de remeter à nossa maneira de pensar o real e de estarmos ligados a nosso entorno. Assim, é importante considerar que o contexto onde se manifesta a estrutura sistemática de forma mais abrangente, não se refere ao período clássico, como acontece mais propriamente ao arborescente, mas no moderno. Portanto, embora ambos coexistam, apresentam assim maior ou menor intensidade em se manifestar de acordo com certas circunstâncias e lugares pelos quais se relacionam.

Conforme suas características, o modelo do sistema fasciculado de raízes está principalmente vinculado à ideia do projeto moderno da construção de uma universalidade, e às filosofias que se apresentam como tentativas de se fundar em um sujeito, subordinando a multiplicidade a um sistema absoluto. Essa necessidade de relacionar o sujeito ao objeto, que movimentam as tentativas de resolução do problema do conhecimento, deram origem a filosofias sistemáticas que buscam fundamentar o real na unidade do sujeito, subordinando o múltiplo a seu modelo. Deleuze e Guattari também indicam a esse respeito se referindo à metodologia moderna:¹¹

¹¹ Deleuze é um autor cujos princípios de sua filosofia madura é desenvolvida através de seus estudos da filosofia moderna. Espinosa, Leibniz, Bacon, Hume, Kant, dentre outros, são apenas alguns filósofos de que Deleuze tematiza em suas obras individuais, das quais procura fazer interpretações que os vinculam à sua teoria crítica da representação, no interior da filosofia da diferença.

A maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou para fazer crescer uma multiplicidade valem perfeitamente numa direção, por exemplo, linear, enquanto que uma unidade de totalização se afirma tanto mais numa outra dimensão, a de um círculo ou de um ciclo. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 21)

Desta maneira, se ocorre uma expansão da multiplicidade em um modelo sistemático e em sua maneira de proceder, é somente enquanto ela vai em direção a uma mesma totalidade, se remetendo sempre a uma dimensão superior que justifica sua desordem, remetendo o caos a um cosmos. Como exemplo filosófico, dentre tantos outros, tem-se o sistema leibniziano, que tende em relacionar a multiplicidade do real a uma única origem, ou mesmo o Cogito de Descartes, se valendo do mesmo princípio.¹² A representação do sistema, portanto, é ainda devedora na visão dos autores de uma manifestação genuína do múltiplo insubordinado, que só é possível a eles, a partir de um modelo de pensamento que o considere como a dimensão mais fundamental da realidade.

2.3 O rizoma e seus princípios

O rizoma contém características que o diferenciam do modelo da árvore descendente e do sistema estrutural. Como uma maneira de mapear sua análise e explicitar essas diferenças, Deleuze e Guattari postulam 6 princípios que acreditam apresentar melhor suas características mais próprias. Cabe observar, que a maneira como eles os descrevem, não procura seguir uma estrutura rígida e estrita, embora suas ideias se relacionem de maneira bastante coerente. Acreditamos que este traço em *Mil Platôs*, seja uma herança da maneira como Deleuze escreve, que estabelece uma coerência a partir de termos díspares:

Cada interpretação deleuziana é sistemática, sempre pretendendo dar conta de modo global dos princípios constitutivos de um pensamento. Vimos isso o tempo todo. No entanto, se as repetições do exercício do pensamento [...] trazidos à cena de seu teatro filosófico constituem um sistema, é um sistema aberto, que não totaliza, no sentido em que é impossível estabelecer uma correspondência biunívoca entre os termos de proveniência diferente. (MACHADO, 2009, p. 322)

Assim o fazem na obra, para reafirmar sua posição de que o rizoma não se comporta numa estruturação regular, e ao contrário, necessita de certo tensionamento de princípios para proliferar. Desta forma, tais princípios aparecem ora separados (3º e 4º), e alguns juntos (1º e 2º, 5º e 6º), justamente

¹² Embora alguns autores considerem a obra de Leibniz assistemática por estar espalhada em artigos e tratados, sua lógica de pensamento, acima de tudo na *Monadologia*, estabelece uma ordem da realidade hierárquica e devedora do princípio fundamental, a Mônada Deus. O mesmo com Descartes, que extrai de sua dúvida metódica a certeza do Cogito, de onde sua filosofia deriva.

para mostrar que a estruturação textual não os interessa aqui: “ Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente; nenhuma astúcia tipográfica, nenhuma habilidade lexical [...] nenhuma audácia sintática podem substituí-lo.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 44). De modo geral, todos estes princípios se relacionam ao da multiplicidade, e procuram explicar porque o rizoma é conectado a tudo sendo tomado em sua dimensão concreta. Assim, chamam a atenção para a necessidade de sua realização, enquanto opõem o rizoma aos outros dois modelos tradicionais.

1º e 2º - Princípios de Conexão e heterogeneidade: Estes são os princípios do rizoma que o conferem conexão absoluta a todas as partes de sua extensão: “qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 22). Querem dizer com isso, que um ponto qualquer pode estar relacionado o outro sem necessariamente estarem próximos ou apresentarem filiação direta, hereditariedade ou hierarquia. Existe uma inseparabilidade entre os elementos de origens e substâncias distintas, sendo por isso também heterogêneos. A maneira como ilustram esse princípio é discorrendo sobre a universalidade da língua, onde pensam de maneira pragmática a questão do poder e da linguagem.

Para os autores, a questão de se enfatizar a existência de múltiplas línguas é fundamental, uma vez que o pensamento arborescente é inseparável da construção de poder. Desta forma não existe uma língua pura, principal, da qual as outras estão subordinadas, e que remete sempre o pensamento a suas redes de dominação. Os trópicos e as ilhas tem assim, a mesma importância do que um grande centro linguístico, não existindo razão para deixarmos de conectá-los ao mesmo plano de consistência. O pensamento que tenta estabelecer um centro linguístico atua como um marcador de poder, e o rizoma tende sempre a reconectar estes supostos centros a um horizonte em comum, conectá-los uns com os outros, sem cercá-los colocando-os em centros:

Não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea. [...] Não existe língua mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 23)

3º Multiplicidade – Este é o princípio que remete à substancialidade do múltiplo. Isto é, a partir de uma perspectiva rizomática, pensar o múltiplo é considera-lo como o que há de mais substancial, como um substantivo ele próprio, ao contrário de ser um adjetivo entre outros, como se diz por exemplo, que um tal sistema é “múltiplo”. Podemos entender o múltiplo do rizoma como aquele elemento que foge de uma orientação totalitária, que evita uma finalidade definida e permite tornar o rizoma um *sistema aberto*. Por esta ótica, se pensarmos em termos históricos do pensamento, consideramos esse elemento como aquela característica da pós-modernidade que se opõe a uma orientação determinada de narrativas universais, como uma concepção de humanidade iluminista ou uma ideologia totalitária:

A noção de unidade aparece unicamente quando se produz numa multiplicidade uma tomada de poder [...] é o caso da unidade-pivô que funda um conjunto de relações biunívocas entre elementos ou pontos objetivos, ou do Uno que se divide segunda a lei de uma lógica binária da diferenciação no sujeito. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 24)

A multiplicidade do rizoma não está contida em um sujeito ou em um objeto, mas atua como aquele elemento *entre* um e outro (*intermezzo*), representando tão somente linhas de fuga; fuga de um fechamento totalitário; fuga da submissão a uma dicotomia, fuga de uma finalidade semântica em algum sistema de captura. Nesse sentido, toda unidade pode ser desfeita e reconectada, pois jamais fora um elemento constituído sem a atuação de outras forças exteriores.

4º Ruptura-a-significante - Quer dizer literalmente uma ruptura que não provoca mudanças absolutas em sua ação, significativas, pois o rizoma pode se reconectar de várias maneiras sem uma perda de sentido específica, encontrando sempre elementos que reordenam o conjunto antes estabelecido. É justamente por não seguir uma estruturação pré-determinada, que elementos heterogêneos podem se conectar sem filiação direta, sair de suas linhagens para revelar como as estruturas estabelecidas subsistem em um quadro rizomático.

Mas, se esse princípio constitui uma virtude do rizoma com relação a suas possibilidades, reforça a possibilidade de que novos sistemas podem se formar através da ruptura de um ponto qualquer: “Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 26). Isso traz a

necessidade de sempre religar os sistemas ao rizoma, o que acaba se conectando particularmente aos últimos princípios do rizoma.

5º e 6º Cartografia e decalcomania – Finalmente, estas características postulam, que todas as conexões estão ancoradas no próprio rizoma, em suas linhas móveis de multiplicidade, e não umas nas outras como que descendentes de uma mesma árvore. A lógica do rizoma contraria o modelo arborescente porque permite que se haja estruturas variáveis ao invés de uma única possível. A ligação entre elementos existe, no entanto, se existe certa descendência entre pares não é absoluta, mas decai sobre o rizoma. É por isso que os modelos do pensamento não se opõem mas coexistem na multiplicidade, e é por isso mesmo que um pequeno acontecimento na miríade de conexões pode causar um impacto de proporções globais, onde aliás, a maioria dos conflitos políticos são dessa ordem de eventos, mas também os biológicos, os virtuais, epistemológicos, filosóficos, etc. É daí que os autores sugerem a necessidade de se pensar em cartografias, no sentido a projetar os decalques sobre um mapa, e enxergar não somente a linha causal dos eventos, mas visar religar as estruturas a uma complexidade maior, realizando uma operação inversa:

Religar os decalques ao mapa, relacionar as raízes ou árvores a um rizoma. Estudar o inconsciente [...] seria mostrar como ele tenta constituir um rizoma, com a casa da família, mas também com a linha de fuga do prédio, da rua, etc. [...] A mesma coisa para um mapa de grupo: mostrar até que ponto do rizoma se formam fenômenos de massificação, de burocracia, de *leadership*, de fascistização. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 33)

É preciso dizer, portanto, que o rizoma se opõe diretamente a estes modelos mencionados da árvore-raiz e do sistema fasciculado, e isso quanto à própria multiplicidade, tão cara a seu projeto filosófico, mas não quanto à existência e vigência de ambos. A árvore-raiz não comporta a multiplicidade nem mesmo em sua estrutura, já que depende da dicotomia e suas ramificações binárias em todas as suas operações. Já o sistema fasciculado, por sua vez, comporta a multiplicidade em sua estrutura, e assim já representa um avanço com relação ao fechamento arborescente, mas não é ainda um avanço suficiente devido a sua concentração em um único ponto, e em outro sentido, pode mesmo representar um perigo maior, já que camufla a submissão de todo esse sistema a uma unidade. É então somente o rizoma com suas bifurcações e linhas imprevisíveis, que consegue ao mesmo tempo ser e conter esse elemento múltiplo.

Essa peculiaridade, é a diferença maior deste conceito, isto é, o ponto em que não se pensa mais em raízes, em Botânica, ou mesmo na Filosofia separadamente, mas permite compreender tudo como parte de um mesmo rizoma, que religa os diferentes territórios do pensamento e da Terra, com seus platôs e pontos de interseção¹³. Por esta razão, devemos chamar atenção para que talvez a melhor denominação para o rizoma, seja a de um sistema aberto, pois contém elementos intrínsecos em sua composição, abstratos e concretos, mas não se fecha em uma de suas direções, sendo constantemente afetado por seus elementos enquanto ele mesmo os origina. Por isso, mesmo sua caracterização como “estrutura” não seria adequada, pois uma estrutura já predispõe também suas delimitações, seus invariantes, que a determinam uma certa finalidade e orientação.

Finalmente, é importante dizer que o rizoma não deveria ser considerado como um sistema de perfeição metodológica ou de pensamento, o que não é mesmo a pretensão dos autores. As suas imperfeições decorrem justamente do fato de que a multiplicidade abriga acontecimentos que não são exatamente benéficos, pois não se tem um fim pré-estabelecido no rizoma, como na árvore causal e no sistema fechado. Desta forma, podem se formar ramificações em direções imprevisíveis, gerando dificuldades de diferentes graus.

Para ilustrar a possibilidade destes encontros impróprios decorrentes de suas convergências, basta pensar na força e rapidez que um acontecimento tem em se propagar nesse modelo sem estrutura prévia, como um estopim de guerra que reverbera em toda tessitura social. A infecção pelo vírus que acomete nossa atualidade, por exemplo, é também uma forma de entender como acontecimentos de menor escala em determinadas localidades podem gerar calamidades extensas a níveis globais, e isso se estende ao pensamento político, filosófico, à literatura, enfim, qualquer tipo de acontecimento com força suficiente para percorrer o rizoma e romper suas localidades, seus “nós”:

Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais [...] evoluímos e morreremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que nossas

¹³ “Inspirado antes na etologia do que na política, o conceito de território decerto implica o espaço, mas não consiste na delimitação objetiva de um lugar geográfico. O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos.” (ZOURABICHVILI, 2003, p. 23).

doenças de descendência ou que tem elas mesmas sua descendência.
O rizoma é uma antigenealogia. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 28)

Assim, se o rizoma é uma antigenealogia, é mais imprevisível achar causas e antecipar seus efeitos, mas, não estamos impedidos de fazer uso das estruturas para religá-las ao rizoma, ao invés de condená-las e desconsiderar a necessidade deste. Podemos pensar o rizoma assim, como uma grande rede de acontecimentos que não deixam de remeter-se às linhas múltiplas de pensamento, de ação e de movimento, tal qual as características que nos ligam às linhas movediças do cenário contemporâneo.

Nesse sentido, o rizoma não é pensado apenas como um terceiro modelo alternativo ao pensamento arborescente e ao sistemático, mas também os precede e perpassa-os, pois, sendo a própria multiplicidade, contém a possibilidade de gerar outras formas a partir de si. Pode acontecer por exemplo, de uma dicotomia se formar a partir de uma linha do rizoma, e de um sistema se fechar em torno de alguns de seus elementos, o que faz a estrutura rizomática não ser livre destas outras estruturas simplesmente por ser aberta. No entanto, se isso ocorre, é apenas para nos confirmar seu estatuto de multiplicidade mais substancial, pois contém as estruturas fechadas apenas como localidades e ramificações de sua extensão, como possíveis: “Invocamos um dualismo para recusar o outro. Servimo-nos de um dualismo de modelos para atingir um processo que se recusa todo modelo” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 42). É por esse motivo, que dizem ser necessária a realização do rizoma, pois embora seu múltiplo seja mais substantivo com relação aos demais, ele precede-os, necessitando de ser invocado como oposição aos outros modelos, requerendo uma ação, que trace o mapa e torne a reescrever constantemente suas linhas sobre as bifurcações do real.

CONCLUSÃO

Apontamos neste trabalho, alguns dos principais motivos pelos quais o rizoma introduz o desafio de pensar a própria multiplicidade na obra de Deleuze e Guattari, onde serve como introdução aos platôs que lhe compõem. Antes, porém, buscamos reconstruir o processo de formação da comunicação que origina o universal sem totalidade, conceito que traduz o estado geral no qual a cibercultura se circunscreve, aparecendo como elemento mais diferenciador em sua formação.

Na compreensão formada a partir do conceito de universal sem totalidade, principal tese na obra estudada de Pierre Lévy, sobressai o entendimento de que na cibercultura a humanidade encontra-se presente a si mesma de forma ubíqua, sem para tanto, necessitar de uma mesma narrativa semântica que a conecta e direciona, por isso universal e sem totalidade. Essa diferença fundamental de comunicação e transmissão de mensagens, aparece como a que mais destaca a cultura contemporânea de suas anteriores, que não prescindiam ainda de uma tecnologia digital relacionada, pois faz da espécie humana única presente a si mesma de forma virtual, e que se utiliza dos aspectos técnicos de sua sociedade para estabelecer uma mesma dinâmica de contato entre seus indivíduos, modificando assim sua cultura.

Não ao acaso, percebemos que Pierre Lévy se utiliza do conceito de Deleuze e Guattari referindo-se à forma geral em que a cibercultura converge, atuando sobre seus elementos. Ao fazer uma vinculação direta deste quadro geral de desenvolvimento comunicacional em que se encontra a sociedade, que denomina cibercultura, com o modelo rizomático pensado pelos autores, o filósofo quer nos dizer que a cultura de interconexão encontra sua força maior enquanto elemento emergente da multiplicidade do real, o mesmo elemento múltiplo do qual o rizoma tem a função de traduzir conceitualmente.

Desta forma, percebemos que uma leitura rizomática da cibercultura, e principalmente, da constituição de seu universal sem totalidade, faz emergir à nossa compreensão o elemento múltiplo que perpassa nossa realidade. No que diz respeito ao universal sem totalidade e à cibercultura de maneira geral, vemos que esse múltiplo é seu próprio precursor, que atua direcionando as tecnologias em fuga dos fechamentos semânticos e limitações da comunicação que antes o reprimiam, e que deixavam a pluralidade de sentidos à margem. Se esse

elemento da multiplicidade ela própria, seu rizoma, é o que emerge da cibercultura e forma seu universal sem totalidade, é porque ela mesma já está inscrita em uma das linhas de possibilidade desse rizoma. A interconexão, assim, faz rizoma com os aparelhos do ciberespaço, o ciberespaço faz rizoma com os sistemas tecnológicos, que por sua vez fazem rizoma com o poder político e seus aparelhos de estado por trás de seu desenvolvimento econômico, e assim em diante, fazendo com que esse elemento múltiplo da cibercultura a extrapole.

Portanto, o rizoma é enquanto modelo de pensamento, o conceito que torna visível o elemento da multiplicidade, e em conjunto, seu modo de mapeá-lo, inscrevendo suas linhas de forma a não mais fechar a multiplicidade em modelos arborescentes e sistemáticos. É assim, uma forma de diferenciar o múltiplo em seu devir, visto que tomado simples e isoladamente seria demasiado abstrato de lidar. É um método para se trabalhar com o múltiplo, uma maneira de se fazer e tornarem próximas as linhas de fuga do pensamento e então, uma maneira de pensar a realidade da qual a cultura atual nos faz imergir.

Assim, se o universal sem totalidade é o fator determinante na cibercultura, o múltiplo é o elemento constituinte do rizoma, que por sua vez, é o modelo no qual a cibercultura está relacionada. A multiplicidade nos aparece aqui, como o fator de maior profundidade nestas concepções filosóficas do real, uma vez que é o que subsiste de mais essencial no rizoma, e por isso, podemos considerá-lo uma forma de compreender essa realidade. Essa compreensão, se torna uma maneira de clarificar a possibilidade do pensar sob a multiplicidade que nos perpassa, assim como as possíveis formas de sua realização. Esperamos com isso, ter ao menos suscitado em nossas considerações a necessidade de se pensar o múltiplo perante a diversidade presente em nossa realidade, a fim de que não voltemos a recair sempre em fechamentos totalizantes de sentido, de pensamento, e de práticas que não cessam em remeter nossas vivências à forma estanque da unidade e da totalização.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R.; NINOMIYA, V.; OLIVEIRA, L.; SHIOMATSU, G. **Afinal, o que é o platô na pandemia?**. Mg.gov. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/135-plato>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACHADO, Roberto. **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MATOS, Olgária. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

SANTOS, A.; COSTA, P.; SANTOS, F. **Glossário ilustrado de botânica: subsídio para aplicação no ensino**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.